

**O USO DO HIPERTEXTO
NO ESTUDO DOS GÊNEROS TEXTUAIS ORAIS E ESCRITOS:
APLICAÇÃO PRÁTICA**

Ângela Maria dos Santos (UEMS)

angel11_ste@gmail.com

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)

natanielgomes@uol.com.br

RESUMO

Este trabalho faz a análise do uso de gêneros textuais orais e escritos nas aulas de língua portuguesa, utilizando o recurso do hipertexto em um blog por meio da aplicação prática com uma turma de 6º ano do ensino fundamental, em atividades que fazem parte de uma pesquisa do Mestrado Profissional em Letras em Rede – PROFLETRAS da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, e que teve como objetivo aperfeiçoar as práticas de leitura e produção textual por meio dos gêneros textuais, enfocando os processos de interação e não apenas as reflexões sobre aspectos formais dos mesmos, conforme pressupostos de autores como Marcuschi (2001, 2004 e 2005), Rojo (2012 e 2013), Coscarelli (2005 e 2011), Koch (2012), Schneuwly e Dolz (2004) dentre outros, para dar suporte ao trabalho de pesquisa. Sendo assim, pretende-se com este trabalho demonstrar que a utilização dos gêneros textuais aliado a um recurso digital como o hipertexto promove o incentivo à leitura e ao desenvolvimento de escritores competentes, capazes de participar e interagir de forma eficiente, lendo e escrevendo textos significativos nos meios sociais em que estejam inseridos.

Palavras-chave: Gêneros textuais. Hipertexto. Leitura. Produção textual.

1. Introdução

No ato de comunicação, todo falante da língua portuguesa ao falar, ler, ou escrever, vai se comunicar por diferentes gêneros textuais, fazendo escolhas a cada momento, adaptando sua fala. O que na verdade se faz é escolher, mesmo sem que se dê conta, um gênero textual para as diferentes situações comunicativas das quais se participa.

A língua que falamos mostra na verdade a que grupo o indivíduo, apresentando-o uns aos outros, mostrando a identidade, seja pela forma, pela entonação, pelo sotaque, pelas escolhas sintáticas. Mas a escola ainda tem dificuldade em lidar com a oralidade de seus alunos, já que a escrita tem predominância na sociedade e é tida como símbolo de *status*.

2. O texto

O texto é a base do ensino-aprendizagem de língua portuguesa no ensino fundamental. E esse princípio já foi confirmado por diversas propostas curriculares, em diversos estados brasileiros, como menciona Rojo e Cordeiro (2004, p. 7). Ele já foi um material que propiciava apenas atos de leitura e de produção. Também já foi considerado apenas suporte para o desenvolvimento de estratégias e habilidades de leitura e produção textual. Ainda assim, o que se constata é que os alunos terminam o ensino fundamental como leitores com baixo desenvolvimento leitor e produtor.

Um dos aspectos da competência discursiva é o sujeito ser capaz de utilizar a língua de modo variado, produzindo diferentes efeitos de sentido e adequando o texto a diferentes situações e é papel da escola proporcionar ao aluno atividades de ensino-aprendizagem que possibilitem a ampliação de sua competência discursiva tanto oral como escrita utilizando-se de textos, que segundo os *Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa* é a unidade básica do ensino.

É preciso então fundamentar o estudo da fala e da escrita através da modalidade de usos em que estes se inserem e sobre a oralidade, os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (1998, p. 24 e 25) afirmam que:

Acreditando que a aprendizagem da língua oral, por se dar no espaço doméstico, não é tarefa da escola, as situações de ensino vêm utilizando a modalidade oral da linguagem unicamente como instrumento para permitir o tratamento dos diversos conteúdos (...) Mas, se o que se busca é que o aluno seja um usuário competente da linguagem no exercício da cidadania, crer que essa interação dialogal que ocorre durante as aulas dê conta das múltiplas exigências que os gêneros do oral colocam, principalmente em instâncias públicas, é um engano. Nas inúmeras situações sociais do exercício da cidadania que se colocam fora dos muros da escola, a busca de serviços, as tarefas profissionais, os encontros institucionalizados, a defesa de seus direitos e opiniões, os alunos serão avaliados (em outros termos, aceitos ou discriminados) à medida que forem capazes de responder a diferentes exigências de fala e de adequação às características próprias de diferentes gêneros do oral.

Ao ingressar na escola o aluno já conta com habilidades discursivas para comunicar-se em situações que envolvam o uso da língua, mas a escola não prioriza o ensino do texto oral nas inúmeras situações sociais do exercício da cidadania, como por exemplo, em uma leitura de texto durante as aulas ou dando voz ao aluno para posicionar-se perante um assunto do cotidiano e trabalhando com ele elementos próprios da linguagem oral como a entonação, pausa, expressões faciais, gestuais que auxiliam no processo comunicativo oral e em diferentes exigências de fala e

de adequação às características próprias dos diferentes gêneros do oral.

É função de a escola pôr o aluno em situações reais de comunicação para que o mesmo possa compreender as possibilidades de utilização dos gêneros textuais e também possibilitar ao aluno o domínio desse gênero, para que o conhecendo e compreendendo-o possa utilizá-lo na escola e fora dela, em qualquer situação que se apresente com práticas que façam sentido para o mesmo. Os *Parâmetros Curriculares Nacionais* ainda dizem que (1998, p. 25):

Cabe à escola ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral no planejamento e realização de apresentações públicas: realização de entrevistas, debates, seminários, apresentações teatrais etc.

Trata-se de propor situações didáticas nas quais essas atividades façam sentido de fato, pois é descabido treinar um nível mais formal da fala, tomado como mais apropriado para todas as situações.

Verifica-se a necessidade de trabalhar na escola com os gêneros orais visando à preparação do aluno para lidar com as situações da oralidade não apenas nos níveis formais de comunicação como também em atividades que representem e prepare-o para situações informais do cotidiano, levando em conta no ato de comunicação oral os gestos, a expressão corporal, expressão facial, a entonação, o ritmo, elementos estes que auxiliam o falante no ato comunicativo, pois estes são os recursos de que o falante dispõe para auxiliá-lo na oralidade, sendo que na escrita há normas gramaticais que envolvem o processo comunicativo, diferenciando assim a língua oral da língua escrita.

3. Gênero textual

É impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum gênero e também por algum texto. Assim, a comunicação verbal só acontece utilizando-se algum gênero textual que de acordo com Marcuschi (2010, p. 22) referem-se a textos materializados encontrados em nossa vida diária e que apresentam características sociocomunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica e são inúmeros. Já os tipos textuais são uma espécie definida pela natureza linguística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas) e que abrangem meia dúzia de categorias conhecidas como: narração, argumentação, exposição, descrição e injunção.

Como os textos sempre se manifestam em um ou em outro gênero

textual é importante conhecer as características e a situação real de utilização de cada gênero tanto para a compreensão como para a produção textual, pois se pressupõe que a linguagem será utilizada de forma mais eficaz.

Os gêneros caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos, que surgem de acordo com as necessidades ou as novas tecnologias, sendo que um gênero dá origem a outro. É possível verificar a quantidade de gêneros textuais hoje existentes se compararmos com as sociedades anteriores à escrita, de acordo com Marcuschi (2010, p. 19), que diz que:

Uma simples observação histórica do surgimento dos gêneros revela que, numa primeira fase, povos de cultura essencialmente oral desenvolveram um conjunto limitado de gêneros. Após a invenção da escrita alfabética por volta do século VII a. C., multiplicam-se os gêneros, surgindo os típicos da escrita. Numa terceira fase, a partir do século XV, os gêneros expandem-se com o florescimento da cultura impressa para, na fase intermediária de industrialização iniciada no século XVIII, dar início a uma grande ampliação.

É possível perceber que com as novas mídias, principalmente as ligadas à comunicação surgiram novos gêneros textuais surgidos da intensidade dos usos dessas tecnologias e suas interferências nas atividades comunicativas diárias. Assim, grandes meios de comunicação como o rádio, a televisão, a revista, e o jornal vão abrigando e fazendo surgir novos gêneros ou adaptando ao meio midiático gêneros já existentes como os editoriais, as notícias, telegramas, telefonemas, teleconferências e bate-papos virtuais.

Agrupamento dos gêneros de acordo com o desenvolvimento da expressão oral e escrita, conforme o quadro 2, extraído de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 102):

DOMÍNIOS SOCIAIS DE COMUNICAÇÃO	CAPACIDADES DE LINGUAGEM DOMINANTES	EXEMPLOS DE GÊNEROS ORAIS E ESCRITOS
Cultural literária ficcional	NARRAR Mimeses da ação através da criação de intriga	Conto maravilhoso Fábula Lenda Narrativa de aventura Narrativa de ficção científica Narrativa de enigma Novela fantástica Conto parodiado
Documentação e memorização de ações humanas	RELATAR Representação pelo discurso de experiên-	Relato de experiência vivida Relato de viagem Testemunho

	cias vividas, situadas no tempo	<i>Curriculum vitae</i> Notícia Reportagem Crônica esportiva Ensaio biográfico
Discussão de problemas sociais controversos	ARGUMENTAR Sustentação, refutação e negociação de tomadas de posição	Texto de opinião Diálogo argumentativo Carta do leitor Carta de reclamação Deliberação informal Debate regrado Discurso de defesa (adv.) Discurso de acusação (adv.)
Transmissão e construção de saberes	EXPOR Apresentação textual de diferentes formas dos saberes	Seminário Conferência Artigo ou verbete de enciclopédia Entrevista de especialista Tomada de notas Resumo de textos "expositivos" ou explicativos Relatório científico Relato de experiência científica
Instruções e prescrições	DESCREVER AÇÕES Regulação mútua de comportamentos	Instruções de montagem Receita Regulamento Regras de jogo Instruções de uso Instruções

Quadro 1 – Aspectos tipológicos

A escola sempre trabalhou com os gêneros, seja um ou outro, pois se sabe que o gênero não é apenas ou tão somente instrumento de comunicação, mas ao mesmo tempo é objeto de ensino-aprendizagem. Os alunos vivenciam muitas situações em que a escrita é necessária e onde a produção de textos, utilizando algum gênero textual multiplica-se seja por textos orais ou escritos, inclusive através da utilização dos novos gêneros textuais.

Com as novas formas de comunicação, tanto na oralidade como na escrita e com o surgimento das novas mídias, principalmente a *internet*, presencia-se o surgimento de novos gêneros textuais ou ainda a assimilação de um gênero por outro, gerando assim um novo gênero, que é o caso, por exemplo, do *e-mail* que tem na carta e no bilhete o seu antecessor. Mas percebe-se que é um gênero novo, criado a partir de uma mídia virtual e que tem características próprias, diferentes de seus antecessores.

A tecnologia favorece o surgimento de novos gêneros textuais ou ainda a transmutação ou assimilação de um por outro gerando novos, fato já apontado por Bakhtin (1997, *apud* MARCUSCHI 2010, p. 21). Sobre estes novos gêneros textuais criados a partir da internet Marcuschi (2002, p. 14 e 15) fala que:

Uma das características centrais dos gêneros em ambientes virtuais é serem altamente interativos, geralmente *síncronos* (com simultaneidade temporal), embora *escritos*. Isso lhes dá um caráter inovador no contexto das relações entre fala-escrita. Além disso, tendo em vista a possibilidade cada vez mais comum de inserção de elementos visuais no texto (imagens, fotos etc.) e sons (músicas, vozes) pode-se chegar a uma interação com a presença de imagem, voz, música e linguagem escrita numa *integração de recursos semiológicos*. Quanto a isso, há outro aspecto nas *formas de semiotização* desses gêneros relativo ao uso de marcas de polidez ou indicação de posturas. São os conhecidos *emoticons* (*ícones indicadores de emoções*) ao lado de uma rapidez da interação. Contudo, estes aspectos não se distribuem por igual ao longo dos gêneros.

Sendo então característica dos gêneros virtuais a interatividade e a informalidade estes são facilmente aceitos e utilizados pelos estudantes que precisam escrever, mesmo que usando o *internetês*, – uma linguagem simplificada e informal, como por exemplo kd, vc, bjs, que surgiu no ambiente da *internet*, para tornar a comunicação mais rápida em sites de relacionamento, mensagens instantâneas e em *chats* e *blogs* – mas é função do professor de língua portuguesa trabalhar com os gêneros textuais e auxiliar seus alunos na apropriação das características próprias de cada gênero, ajudando-os a aproximar a linguagem escrita da norma padrão, mostrando-lhes que o uso da língua deve ser feito de acordo com a exigência da situação social do momento.

Assim, com o surgimento da internet, gêneros já existentes transformaram-se, adaptaram-se de acordo com a mídia usada, surgindo de acordo com as necessidades ou o surgimento das novas tecnologias.

4. A escola e os gêneros textuais: tradicionais e midiáticos

Sendo a escola o espaço de aprendizagem e desenvolvimento de habilidades de produção de textos, é necessária a garantia de oportunidades e meios para que isso aconteça. Mas a participação nas diferentes práticas discursivas exige conhecimento dos diversos gêneros orais ou escritos, bem como a adequação aos contextos de uso.

Um dos aspectos da competência discursiva é o sujeito ser capaz

de utilizar a língua de modo variado, produzindo diferentes efeitos de sentido e adequando o texto a diferentes situações e é papel da escola proporcionar ao aluno atividades de ensino-aprendizagem que possibilitem a ampliação de sua competência discursiva tanto oral como escrita utilizando-se de textos, que segundo os *Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa* é a unidade básica do ensino.

Dessa forma, a escola precisa preparar o aluno para lidar com a linguagem oral nas mais diversas situações, dando-lhe condições de apropriar-se de suas características, como é o caso, por exemplo, de um seminário que tem uma estrutura própria. É preciso que o aluno saiba como é a tipologia deste gênero oral para que consiga participar de um evento como esse de forma eficiente e com qualidade, sabendo o tipo de linguagem que é esperado do seu participante.

É impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum gênero e também por algum texto. Assim, a comunicação verbal só acontece utilizando-se algum gênero textual que de acordo com Marcuschi (2010, p. 22) referem-se a textos materializados encontrados em nossa vida diária e que apresentam características sociocomunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica e são inúmeros. Já os tipos textuais são uma espécie definida pela natureza linguística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas) e que abrangem meia dúzia de categorias conhecidas como: narração, argumentação, exposição, descrição e injunção.

Como os textos sempre se manifestam em um ou em outro gênero textual é importante conhecer as características e a situação real de utilização de cada gênero tanto para a compreensão como para a produção textual, pois se pressupõe que a linguagem será utilizada de forma mais eficaz.

Os gêneros caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos, que surgem de acordo com as necessidades ou as novas tecnologias, sendo que um gênero dá origem a outro. É possível verificar a quantidade de gêneros textuais hoje existentes se compararmos com as sociedades anteriores à escrita, de acordo com Marcuschi (2010, p. 19), que diz que:

Uma simples observação histórica do surgimento dos gêneros revela que, numa primeira fase, povos de cultura essencialmente oral desenvolveram um conjunto limitado de gêneros. Após a invenção da escrita alfabética por volta do século VII a. C., multiplicam-se os gêneros, surgindo os típicos da escrita. Numa terceira fase, a partir do século XV, os gêneros expandem-se com o flo-

rescimento da cultura impressa para, na fase intermediária de industrialização iniciada no século XVIII, dar início a uma grande ampliação.

É possível perceber que com as novas mídias, principalmente as ligadas à comunicação surgiram novos gêneros textuais surgidos da intensidade dos usos dessas tecnologias e suas interferências nas atividades comunicativas diárias. Assim, grandes meios de comunicação como o rádio, a televisão, a revista, e o jornal vão abrigoando e fazendo surgir novos gêneros ou adaptando ao meio midiático gêneros já existentes como os editoriais, as notícias, telegramas, telefonemas, teleconferências e bate-papos virtuais.

A escola sempre trabalhou com os gêneros, seja um ou outro, pois se sabe que o gênero não é apenas ou tão somente instrumento de comunicação, mas ao mesmo tempo é objeto de ensino-aprendizagem. Os alunos vivenciam muitas situações em que a escrita é necessária e onde a produção de textos, utilizando algum gênero textual multiplica-se seja por textos orais ou escritos, inclusive através da utilização dos novos gêneros textuais.

Hoje, com as novas formas de comunicação, tanto na oralidade como na escrita e com o surgimento das novas mídias, principalmente a *internet*, presencia-se o surgimento de novos gêneros textuais ou ainda a assimilação de um gênero por outro, gerando assim um novo gênero, que é o caso, por exemplo, do *e-mail* que tem na carta e no bilhete o seu antecessor. Mas percebe-se que é um gênero novo, criado a partir de uma mídia virtual e que tem características próprias, diferentes de seus antecessores.

Com os gêneros textuais midiáticos é possível que o professor de língua portuguesa trabalhe além das tipologias próprias de cada gênero, as especificidades da língua que surgem no decorrer da aula e que são próprias das situações do cotidiano e da língua oral, como as marcas da oralidade, por exemplo, que dependendo do grau de formalidade do texto deverá ser eliminado por completo da fala, para não comprometer a clareza e a comunicação do texto.

Com o surgimento da *internet*, gêneros já existentes transformaram-se, adaptaram-se de acordo com a mídia usada, surgindo de acordo com as necessidades ou o surgimento das novas tecnologias.

	Gêneros emergentes	Gêneros já existentes
1	<i>E-mail</i>	Carta pessoal // bilhete // correio
2	<i>Bate-papo virtual em aberto</i>	Conversações (em grupos abertos?)

3.	<i>Bate papo virtual reservado</i>	Conversações duais (casuais)
4	<i>Bate-papo ICQ (agendado)</i>	Encontros pessoais (agendados?)
5	<i>Bate-papo virtual em salas privadas</i>	Conversações (fechadas?)
6	<i>Entrevista com convidado</i>	Entrevista com pessoa convidada
7	<i>Aula virtual</i>	Aulas presenciais
8	<i>Bate-papo educacional</i>	(Aula participativa e interativa???)
9	<i>Videoconferência</i>	Reunião de grupo/ conferência / debate
10	<i>Lista de discussão</i>	Circulares/ séries de circulares (???)
11	<i>Endereço eletrônico</i>	Endereço postal

**Quadro 2 – Gêneros textuais emergentes na mídia virtual:
suas contrapartes em gêneros pré-existent**

Conjunto de gêneros textuais surgidos na mídia virtual, embora nem todos sejam novos ou inéditos, centralizados nas atividades comunicativas da realidade social, pois como os gêneros são fenômenos sócios históricos e culturalmente sensíveis, não se pode fazer uma lista fechada de todos os gêneros integrando várias semioses, como sons, imagens e palavras.

Certamente trabalhar com o ensino de língua portuguesa a partir de gêneros textuais orais e escritos, utilizando-se de mídias como suporte ao trabalho com textos terá alguns obstáculos práticos como a questão da quantidade de computadores disponíveis para uso dos alunos, porém o objetivo proposto é incentivar a leitura e a escrita por meio de hipertexto que de acordo com Marcuschi (2001, p.83) consiste numa rede de múltiplos segmentos textuais conectados, mas não necessariamente por ligações lineares. Assim, cada leitor faz as escolhas de leitura que achar mais pertinentes aos seus objetivos e esta é a principal diferença entre hipertexto e os textos de livros e revistas tradicionais.

Dessa forma, pretende-se melhorar a busca pelo conhecimento por parte do aluno, bem como torná-lo um leitor e produtor de texto mais eficiente, capaz de elaborar textos nos mais variados gêneros textuais, possibilitando que o aluno use todas as mídias disponíveis na escola, com práticas de letramento variados, como os textos multimodais que utilizam-se da linguagem visual como a fotografia, a pintura, os desenhos, os gráficos etc. , nas práticas de leitura e escrita, fazendo assim emergir um novo olhar para a análise e recepção de textos.

5. O hipertexto

As escolas públicas brasileiras não podem ficar de fora deste novo mundo de possibilidades que surgem com a *internet*. Os professores estão constantemente participando de formações para compreender como lidar com estas novas mídias digitais que agora fazem parte da rotina escolar, pois o aluno já está inserido na tecnologia da informação. Mas é preciso repensar como utilizar este novo recurso, que traz novas formas de interação e de diálogo, com novos gêneros textuais e também textos multimodais, com um novo ambiente de leitura e escrita, de pesquisa e produção textual.

As novas mídias, principalmente a *internet*, possibilitam novas formas de produção e circulação de discursos, além de diferentes formas de aprender, ensinar e de se comunicar. Muito tem sido discutido a respeito das práticas discursivas mediadas pelo computador, especialmente pela *internet* (MARCUSCHI & XAVIER, 2004; MARCUSCHI, 2005).

Os alunos, público alvo desta pesquisa, fazem uso das novas mídias o tempo todo, principalmente do hipertexto, pois sempre que se conecta à *internet*, faz-se a leitura de algum tipo de hipertexto ao acessar qualquer portal de notícias, por exemplo, ou as redes sociais. E também utiliza-se o hipertexto quando comenta-se uma matéria de um jornal online, um texto de um blog ou mesmo curte-se uma postagem no *Facebook*. A questão é o modo de se utilizar este recurso em benefício da aprendizagem, de um progresso na aquisição da leitura e da escrita.

As mudanças sociais e tecnológicas dos últimos anos trazem transformações na forma de aprender e também na forma de expressar-se. Para isso são necessárias novas práticas de produção, de leitura, de ferramentas e também nova postura do leitor/autor do texto.

Pierre Lévy (1993, *apud* JIMENEZ, 2013) define:

Tecnicamente, um hipertexto é um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou partes de gráficos, seqüências sonoras, documentos complexos, que podem, eles mesmos, ser hipertextos. Os itens de informação não são ligados linearmente, como em uma corda com nós, mas cada um deles, ou a maioria, estende suas conexões em estrela, de modo reticular. Navegar em um hipertexto significa, portanto, desenhar um percurso em uma rede que pode ser tão complicada quanto possível. Porque cada nó pode, por sua vez, conter uma rede inteira.

A escola, na atualidade, passa por um grande desafio que é o de formar leitores/escritores, numa cultura de tradição fortemente escrita,

capazes de interagir utilizando-se das várias mídias disponíveis, utilizando-se de textos midiáticos como o hipertexto, que exige um leitor autônomo, agentes de sua aprendizagem.

O uso do hipertexto em ambiente escolar possibilita ao aluno o contato com vários ambientes de leitura e de aprendizagem, no qual o mesmo será instigado para novos tipos de produções escritas, diferentes das historicamente ensinadas pela escola. Há ainda, a interatividade, que propicia novas formas de produção escrita, e a escola pode e deve funcionar como mediadora desses novos processos de interação e uso da língua.

De acordo com Marcuschi (2001, p.83) um hipertexto consiste numa rede de múltiplos segmentos textuais conectados, mas não necessariamente por ligações lineares. Assim, cada leitor faz as escolhas de leitura que achar mais pertinentes aos seus objetivos. E é esta a principal diferença entre hipertexto e os textos de livros e revistas tradicionais.

Lenke afirma (2002, *apud* Rojo e Moura, 2012) que o hipertexto é diferente do texto impresso por ter um design que permite várias interconexões, possibilitando diversas trajetórias e múltiplas sequências. Estas exigem novas habilidades que vão ao encontro de um novo letramento – o letramento digital - que se refere tanto a aquisição de uma tecnologia quanto ao exercício de práticas de escrita que fazem parte do meio digital.

6. Conclusões parciais

Este trabalho foi aplicado com alunos de 6º ano de uma escola estadual do interior do Mato Grosso do Sul e teve como maior resultado, comprovado pelo blog da turma com o desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita em diferentes gêneros.

Visto que as atividades organizadas eram diversas e com práticas variadas, isto fez com que houvesse interesse e assim maior participação pelas mesmas, fazendo com que os alunos lessem muito, vários gêneros, levando-os a uma maior procura pela biblioteca da escola. As atividades a partir dos links também propiciaram práticas de produção de texto, tímidas muitas vezes, mas que cumpriram um dos objetivos do projeto que era desenvolver práticas de leitura e escrita, tornando os alunos leitores mais motivados e produtores de textos mais eficientes.

É preciso que o professor de língua portuguesa, que lida diretamente com o ensino da língua materna perceba que há uma mudança nas

práticas de leitura e escrita, bem como uma mudança dos textos e também dos suportes dos novos gêneros textuais que estão em circulação na sociedade atual e que estes podem, se inseridos no espaço escolar, ser de grande contribuição para o avanço da formação de leitores e produtores de textos mais críticos, autônomos, conscientes do que leem e com condições de interagir nas diversas situações comunicativas utilizando-se das habilidades necessárias para a produção de textos orais ou escritos, midiáticos ou não.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

KOCH, Ingedore Villaça. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. 2. ed., 1ª reimpr. São Paulo: Contexto, 2012.

KLEIMAN, Ângela. *Preciso ensinar o letramento: não basta ensinar ler e escrever*. Campinas: Cefiel/Unicamp; MEC, 2005.

MARCHUSCHI, Luiz Antônio Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P; MACHADO, A. R; BEZERRA, M. A. (Orgs). *Gêneros textuais & ensino*. São Paulo: Parábola, 2010.

_____. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula. *Linguagem & Ensino*, vol. 4, n. 1, p. 79-111, 2001.

_____. *Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital*. Universidade Federal de Pernambuco. Texto da Conferência pronunciada na 50ª Reunião do GEL – Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo, USP, São Paulo, 23-25 de maio de 2002.

_____; XAVIER, Antônio Carlos. (Orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Que gramática estudar na escola?* 4. ed., 1ª reimpr. São Paulo: Contexto, 2013.

PCN – *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa*. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1998.

ROJO, Roxane (org.). *Escol@ conectada: os multiletramentos e as TICs*. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2013.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

ROJO, H. Roxane; MOURA, Eduardo (Orgs). *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola, 2012.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. *Gêneros orais e escritos na escola*. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.